


# À UNIVERSIDADE E AOS UNIVERSITÁRIOS

Por AUGUSTO PEDRO LOPES CARDOSO (\*)

**N**ÃO podemos dizer que não, virar a cara e esconder a cabeça. Trata-se já de idades diferentes em que birras e borbujas tendem definitivamente a desaparecer e em que as forças individuais deixam de se concentrar em si mesmas num esforço de formação. A procura e desejo de expressão ali-se uma capacidade criativa muito própria, uma vontade intrínseca de não deixar passar os momentos sem deixar ao menos um pouco de abuso na consciência que fazemos da participação neles. Negar a força de estar atento é, pois, negar o impulso de tomar parte, o impulso de intervir. E eis que um abrir de olhos, não em forma de bocejo ocular, mas como tomada de dupla consciência das circunstâncias envolventes e de um papel a assumir se torna cada vez mais necessário. Fazê-lo significa aperceber-mo-nos de que estamos inseridos numa comunidade nacional apostada num esforço de identificação e afirmação cultural. Significa ainda admitirmos que envolvidos nos destinos da casa e nela assumimos uma obrigação, manifestamos um interesse e um compromisso de empenhamento. Não talvez pelo traje, mero aparato grave de um espírito que dele se cobre, mas por um simbolismo que das vestes emana, tal palhaço de Universidade em nós próprios, numa compreensão do lugar desta na criação e irradiação de um universo cultural.

Não deixemos, porém, de reflectir. Na prossecução de um ideal de cultura como manifestação de uma expressão colectiva ou como formação de uma capacidade individual, a Universidade deve afirmar-se não só como centro difusor de conhecimentos académicos, já aprofundados, mas como centro de cultura jovem, como veículo não limitado de expressão cultural dos estudantes que a frequentam. Num esforço dicotómico de harmonização e criação o univer-

sitário deve tomar parte num processo cultural que se desenvolve como elo de ligação no tempo, numa perspectiva evolutiva e dinâmica de interligação e relacionamento das manifestações espirituais colectivas. Trata-se, pois, de afirmar uma criatividade enquanto aluno e sobretudo como jovem, correspondendo-lhe capacidades e características muito próprias, no desabrochar de uma personalidade cultural estudantil. Estabelecendo e criando ideias e princípios, defendendo valores que surgem resultado de uma capacidade de discernir e hierarquizar, desdobrando-se em manifestação triplíc de acordo com o que é, o que quer ser e o que pretende vir a tornar-se. E trata-se de o fazer dentro da Universidade e enquanto estudante universitário. O estudante surge assim, e enquanto tal, como produto e produtor de cultura, assegurando e afirmando o seu papel no movimento esforçado de um país na busca da sua própria identidade. O seu contributo passa, fundamentalmente, pelo encontrar da própria dignidade, o contributo da Universidade em se assumir qual tronco de duas cabeças: uma de longas e reflectidas barbas, outra simplesmente irrequieta, imberbe, a exprimir na inquietude uma idade que simboliza a ideia de aprendizagem, criação e evolução.

Passa isto por compreender que a nossa «força» é a cultura e que, neste país, por razões de destino e vontade a um extremo desenhado não vale mais virar a cara, esconder a cabeça e dizer que não. A cada um a sua palavra, a cada coisa o seu sentido. Na verdade, porém, há sempre uma palavra por dizer, um sentido ainda por encontrar, alguma coisa que nos é deixada por pensar.

(\*) Estudante de Direito.

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Universidade - Gpmrd

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

